A VALSA DA VINGANÇA

A VALSA DA VINGANÇA

Edvaldo Nepomuceno

Goiânia - GO
Kelps, 2020

Eu morava sozinho numa casa pintada de branco e azul por fora e extremamente empoeirada e desorganizada por dentro. A desolação absoluta em que eu vivia era assaz compatível com o meu indefectível hábito de leitor de romances góticos. Numa noite funesta do mês de agosto, após assombrar-me com a leitura de um trecho do romance satírico "Gargântua e Pantagruel, de François Babelais, uma pérola da literatura de horror, eu caí num terrível pasmatório. Sentei-me para avaliar a situação em que eu me encontrava procurando decifrar uma das infaustas citações do livro que assinalava:

> Mas acredito que eu
> Tenha descido até o abismo
> Tenebroso no qual dizia
> Heráclito que a verdade era oculta.

Foi nesse exato momento que eu senti um grave e verdadeiro pavor ominoso. Tomado por esse súbito estupor, fechei o livro procurando um ponto de referência para desanuviar-me das minhas incômodas e estranhas sensações. Larguei o livro à cabeceira da cama e, deitando-me de frente ao espelho do meu quarto, acendi um cigarro. Eram quase duas horas. Nesse instante, ali deitado fumando, com a visão de uma lua cinzenta num céu enfarruscado, sabia que algo muito estranho estava prestes a me acontecer. Levantei-me em seguida, mas mesmo estando em pé, os meus sinistros pensamentos não se dissipavam. Ouvi um ruído e fiquei imóvel em um espanto aterrador. Então, alguma coisa passou saltando por mim entre os lençóis, se debatendo assimetricamente no chão do meu quarto. Tratava-se de uma barata. A sua súbita aparição me suscitou as lembranças aziagas e sinistras do livro que eu estava lendo naquela angustiante noite. Em seguida, apareceram outras que logo desapareceram no vão da porta, mas a

mais terrível delas eu não consegui repelir. A sua obsedante e insinuosa provocação me evocou a cena de livro em que o personagem era carregado pelas ruas escuras de uma cidade, dentro de um caixão. O inseto que estava à minha frente era demoníaco e desafiador. “A hora chegou”. “A hora chegou”. Parecia dizer-me com as suas patas cerradas. Num assomo de ódio e asco, eu peguei um dos meus sapatos que estava próximo à minha cama procurando um ponto de referência para esmagá-la. O alvo era perfeito, mas errei o golpe porque ela correu celeremente para debaixo do meu guarda-roupa. O meu ódio recrudesceu. Peguei novamente o sapato e corri para a porta. Mas ela passou por mim mais rápida como um demônio escondendo-se debaixo do guarda-roupa. Por um instante, eu a vi rolar e debater-se no fundo de uma gaveta semiaberta, e então quando parou de se mexer, sobrepesei o sapato em minha mão direita, mas novamente errei a pontaria. No momento em que ela sumiu num vão qualquer, onde eu nem sequer imaginava, eu

vi apenas a luz chamejante de um raio flamejando no espelho que estava à minha frente. Olhei-me no espelho, mas ele não refletia um rosto que não parecia ser o meu. Eu estava tão lívido, assaz amarelo, e tão disforme que parecia um inseto. Um inseto! Essa comparação fez com que eu levasse a mão ao rosto esfregando-o com as minhas unhas até fazê-lo sangrar. Quando percebi a mutilação do meu rosto e o sangue gotejando aos borbotões no piso do quarto, eu me prostrei-me na cama, branco como um cadáver. Fui ao banheiro, lavei o rosto com sabão até estancar o sangramento, e retornei à minha cama, mas como a essa altura, eu já estava com as pálpebras pesadas de sono, acabei caindo num sono profundo e reparador. De fato nunca em minha vida, dormi tanto como naquela noite.

Na manhã seguinte, eu comi algumas bolachas durante o café da manhã, apesar de não estar com fome. Olhei o meu relógio. Eram oito horas. A rua da minha casa ainda estava bastante silenciosa, aliás todas as ruas da cidade a essa hora, ainda estavam

desertas. Um sem-teto que passara a noite à porta de uma mercearia ainda por ali tinha acabado de ser expulso pelo proprietário. Eu me dirigi à praça e sentei-me num banco sob uma árvore sombria e empoeirada. A essa altura, eu procurava afugentar do meu pensamento, as lembranças do sofrimento e da angústia que avassalaram a minha alma durante a noite. Um outro sem-teto de aspecto faminto correu com medo de um guarda que se aproximava. Passei a manhã sentando num banco da praça procurando decifrar um manuscrito no qual eu fazia, apesar do enigma perdurar, eu anotava tudo em detalhes, inclusive as místicas impressões que eu tinha a respeito da Índia. Sou daquelas pessoas que, à menção de Bombaim, inevitavelmente imaginam não um funcionário americano, rubro de calor, mas um faquir. Eu acreditava em azar e feiticeiras, em números mágicos e no Diabo, no poder oculto de signos e símbolos, em mau-olhado, e em ídolos de bronze de barriga de fora. A apoteose do meu sofrimento me lembrou as práticas que eu

costumava fazer invocando os espíritos junto com alguns companheiros de escola. Foi assim que decidi. À noite, logo que pousei as minhas mãos enrijecidas sobre uma mesinha de três pernas, eu comecei a ouvir rangidos à princípio, baixinho, como trilados de grilos, mas à medida que eu ia batendo a perna no chão recitando o alfabeto, os sons recrudesciam. Enquanto já recebia mensagens de generais célebres e de um parente que morreu recentemente no atentado às torres de New York, eu vi novamente a barata rodopiando no meu quarto. Eram dez horas. Com a mesa ainda suspensa no ar, levantei-me possesso de raiva, á procura de um objeto para esmagá-la. Como ela tinha corrido para a sala, sentei-me numa poltrona rangente com o chinelo na mão à sua espera procurando vislumbrar um ângulo para que eu pudesse definitivamente destroçá-la. Antes de passar por mim, ela parou na soleira da porta, alerta, curiosa, preparada para fugir no momento oportuno. Depois de um tempo imóvel, ela decidiu me desafiar correndo em minha

direção, aparentemente imperturbável, mas no momento em que levantei a mão com o chinelo, ela sumiu na brecha do estofado da minha poltrona. Nessa noite tormentosa, as nuvens rolavam pelo céu, assumindo uma miríade de atitudes grotescas, como títeres esquálidos e trôpegos numa horrenda festa de carnaval. Mesmo assim, eu continuei sentado na poltrona sentindo uma estranha inquietação, com o coração prestes a explodir como uma bomba. A minha odiosa vigília parecia não ter fim. O ar dentro da minha casa estava embaçando os móveis com a pouca claridade da luz da sala. Foi nesse instante que a minha vida desmoronou como um trovão num filme de violência e suspense, entrecortando com palavras ásperas e gritos de terror:

- Jogue fora esse chinelo foram as primeiras palavras que eu ouvi daquela “mulher” que eu nunca vi, e nem sequer imaginava a sua existência, se é que algum dia existiu um ser tão excepcional no tamanho e na força. A sua súbita aparição me levou ao paroxismo do medo e do assombro. Os

seus olhos assombrosos eram duros como duas placas de chumbo. Parado no centro do quarto, eu esqueci-me do chinelo, e procurava agora, cautelosamente o meu revólver, depois que, trêmulo, apagara a luz. Até então eu nunca tinha ouvido ainda uma voz tão grave, áspera e fria. Me vi desajeitadamente apalpando o meu corpo à procura do meu coração que parecia estar saltando das minhas costelas. O poderoso pensamento humano não esgotava a impulsão da imaginação. Por onde tinha aquele ser tão monstruoso invadido a minha casa. A ideia da morte surgia agora com uma certeza tão nítida que tive a impressão de estar submergindo em uma água sem fundo. Enquanto eu desabotoava a camisa sentindo-me caindo na escuridão de um sono viscoso, trêmulo como um animalzinho sem lugar seguro, eu escutei um assustador som vibrante por trás de mim. Refugiei-me atrás de uma cadeira. Por onde ela teria surgido? Pensava enquanto imaginava por qual porta ou por qual janela tinha surgido aquele ser de natureza

fantasmal. Mas todas as portas e janelas estavam trancadas. De onde teria surgido então, continuava pensando com as narinas dilatadas sentindo nos lábios o sabor de um veneno negro. De onde teria surgido então? Das páginas de uma estória gótica, de um conto macabro e sinistro? Ou era apenas fruto da minha imaginação mórbida, cultivadas por minhas inquietantes e febris leituras noturnas? Eu estava perdido num jogo de imaginação. Eu não encontrava nenhum derivativo para minha humilhante situação, a não ser de ter que enfrentar a cruel realidade que me esmagava e tolhia. Ao sentir novamente os seus movimentos em minha direção, nitidamente perceptíveis e assustadores, eu criei forças para indagar:

> - Eu não estou entendendo o que está acontecendo. Afinal, que você quer de mim”? Perguntei levando as mãos ao meu rosto, que pareciam estar se estendendo para dentro de um abismo.

A resposta que eu recebi foi uma chicotada estrondosa e ardida no meu peito, e eu só não caí com a força do golpe porque me apoiei na cadeira de vime que saiu deslizando como um fantasma. Então saí correndo para outra saleta, mas ela veio correndo atrás de mim como um demônio mostrando os dentes. Ela estava mais enfurecida com o brilho de fogo em seus olhos fundos. O espasmo que esticava sua boca de orelha a orelha parecia a cratera de um vulcão prestes a entrar em erupção.

- O que eu quero, seu vermizinho de merda?

E, exibindo os seus dentes afiados, acrescentou:

- O que eu quero, seu vermizinho de merda? Você vai logo saber.

- Excrescência da humanidade! – Exclamou possessa de ódio, agarrando-me por trás, no auge dos seus gritos frenéticos.

As minhas veias saltavam como cordas. Tentei-me proteger com um jarro de flores que se espatifou no chão se desfazendo em cacos. Quando consegui me desvencilhar das suas mãos com um gesto brusco, corri para cozinha apanhando uma faca comprida, mas muito rapidamente, ela arrancou-a das minhas mãos.

- Você está enganada. Nunca te fiz mal algum – disse trêmulo como de pavor e medo. Nunca sequer a vi – acrescentei calculando o nível do seu ataque.

Escondido atrás da mesa da cozinha, eu a olhava mudo de assombro. Indefeso, acuado, senti novamente o tempo congelado como numa nevasca de neve.

- Basta! Vire-se para apanhar – disse golpeando-me novamente as minhas costas com o seu chicote quente como fogo.

- Não era assim que você queria me esmagar, meu homenzinho nojento?

E, aproximando-se de mim como quem acua um rato-do-mato, acrescentou exibindo os seus dentes com um exuberante ar de cinismo:

- Por enquanto é só uma cortesia exemplar, "meu querido".

- Basta! Basta! Eu sofro do coração, e, além do mais, você não tem o direito invadir a minha casa – emendei, embora convicto de que ela estava decidida me torturar até à morte.

O absurdo do mundo a essa altura ficou bastante nítido para mim. De repente, ela recuou dobrando o corpo para acender um cigarro que estava sobre a mesa, onde tinha uma miserável caixa de fósforos, e isso para mim me pareceu o suficiente para me sentir aliviado, mas em seguida ela voltou à carga, mais possessa e furibunda. Dessa vez ela

me deu um golpe que me pegou em meu braço levantado, mas mesmo assim o senti queimando. O bico do sapato era revestido com uma ponta de metal. Não resistindo à força da pancada, cai na poltrona da sala urrando de dor. Num esforço sobre humano, esforcei-me para correr para o banheiro, mas acabei despencando no chão:

- Aonde você pensa que vai, hein, seu crápula infra-humano? – Perguntou-me tocando-me com repugnância, o que me fez dobrar o meu braço.

- Saia da minha casa. Você não tem o direito de me espancar em minha casa – gritei com toda a força que ainda me restava.

Ela se limitou a sacudir a cabeça esboçando um sorriso enigmático realçando o seu ar misterioso.

No auge da minha dor, congelado, procurei me acalmar um pouco, à procura de uma saída.

Quando eu vi a porta da cozinha entreaberta, lembrei-me da faca com que eu costumava cortar

o pão para fazer meus sanduíches. Com o alento que ainda me restava, saltei para dentro da cozinha pegando-a, ainda respingando manteiga, mas com um horrível golpe cegante, ela me desarmou novamente. Em posse da faca, ela deu uma canelada no meu joelho direito prostrando-me no chão frio da cozinha.:

- Isso é ultrajante, muito ultrajante, vociferei como um animal subitamente ferido.

E, encarando-a num ar de súplica, roguei clemência:

- Basta! Você está me matando!

- Basta! Você está me matando como um rato! - Exclamei me sentindo num poço de água sem fundo.

- Ou como uma barata! – ela emendou mostrando-me novamente os seus dentes afiados, e se preparando para novos golpes.

Algum tempo depois, recobrando as minhas forças, lembrei-me do revólver à mesinha da minha cabeceira da minha cama, que eu um dia havia comprado, sem nenhuma intenção, só a pretexto de uma eventual segurança:

- Chega! Vou acabar com isso agora!

Não aguento mais – exclamei com as mãos crispadas diante de um espelho que indigitava a minha imagem.

Depois que consegui tirar a arma da gaveta, não me lembro de mais nada. Um minuto depois eu dava meus últimos suspiros. Nesse momento, ela se afastou com o sapato ainda na mão, regozijando com a apoteose do meu sofrimento. Antes de sair, disse com o seu habitual laconismo:

- Finalmente tudo acabou! – exclamou ajeitando os cabelos enquanto saía do meu quarto.

Ela indigitou freneticamente o espelho. Uma luz vermelha acendeu um variegado espectro recrudescendo a apoteose do meu sofrimento. Num deles estava escrito:

PEGAMOS O ASSASSINO DE BARATAS!

Nesse momento uma espectral mesa semelhante às mesas da Redação do jornal onde eu trabalhei como jornalista, se materializou á minha frente. Era eu que estava sentado á mesa, mas eu não me lembrava de nada, nem sequer do meu nome. Após uma pausa, eu li com uma concentração impassível a frase que estava escrita na folha de papel:

RECEITA DE ASSASSINATO (DE BARATAS)

Algum tempo depois, eu vi com horror uma miríade de baratas comendo um radiante jantar, atraídas pelas iguarias da comidinha preparada com açúcar, farinha e gesso, misturados em partes iguais, mas com gesso dentro dela. Depois de um certo tempo, o gesso endureceu dentro delas provocando morte certa. Em seguida vi numa apertada escuridão milhares de estátuas que seriam utilizadas para enfeites. Elas estavam enfaixadas

com uma mortalha. Então eu me retesei percebendo a significação vingativa do espelho indigitado. Pressenti então que misteriosos acontecimentos estavam prestes a acontecer. De repente a mesa ergueu-se e ficou suspensa no ar. Ouvi em seguida pancadas nas paredes: pam, pam...Percebi que se tratava da velha linguagem dos sons. Por sorte eu tinha um toco de lápis no bolso do meu sobretudo e o coloquei à mesa ao lado de um caderno especial para fazer o registro. Eu estava mortificado e estupefato com a atmosfera desoladora ao meu redor. A linguagem telegráfica foi assim:

M.T: Você prefere uma pistola ou veneno?
Eu: Quem sois vós, Ó espírito?
M.T: Mark Twain.
Eu: Mentira.
M.T: Tira uma fotografia.

A multiplicação do espelho me causou um sofrimento abominável e atroz. A conversa com um morto não me interessava, só recrudescia o

meu desespero. Eu nunca tive interesse algum pela vida além-túmulo. Tudo que está me acontecendo, não passa de uma diabólica maquinação, de uma brincadeira de mau gosto de um fantasma agindo como um intermediário para me levar ao paroxismo da loucura, pensava em conseguir pacificar o meu espírito. Mas em momento algum ousei duvidar da aparição do espírito anunciando o seu nome. Finalmente, depois de horas de uma angústia excruciante que me avassalou a alma, senti-me um pouco aliviado. A mesa subitamente parou de mexer. Sem os seus rangidos ásperos, nenhum espírito mais se anunciou. Sem as conjugações metafísicas e atrozes do espelho, ela de repente se afastou de mim, como que rendida a uma insidiosa força da gravidade, e se moveu se preparando para vestir uma outra carne em frente ao espelho, como se tudo que aconteceu fosse apenas um jogo da minha imaginação, nada real, mas da qual ela fazia parte de corpo e alma. Eu havia sido cruelmente espancado até à morte, mas mesmo na agonia dos

meus últimos estertores, eu conseguia observá-la. Percebi que as lágrimas subitamente trazidas a seus olhos a tornavam naquele momento um ser frágil e inseguro, se ardendo horrivelmente nas chamas de um espelho de fogo. Tive então nesse momento a apoteose de todo o seu sofrimento. Ela finalmente estava agora, vulnerável, se debatendo como uma borboleta numa caixa de vidrilhos para não vestir a sua antiga carne. Seu rosto amargo e veludoso, os olhos míopes e os lábios rachados e inchados com o frio, cuja cor borrava-se nos cantos, dissolvia-se num cubo febril à espera do bálsamo de um beijo em sua metamorfose. Ela usava um vestido curto e claro e tocava os seus joelhos com suas mãos de veludo que pareciam desejar ser acariciadas e beijadas...Tudo nela agora era tormentoso e irremediável, mas mesmo que eu tivesse quando dava os meus últimos suspiros, uma impulsão de piedade e compaixão por ela, e a abraçasse para o beijo que ela tanto ansiava nesse momento, ela se afastaria pulsando em sua inexorável metamorfose.